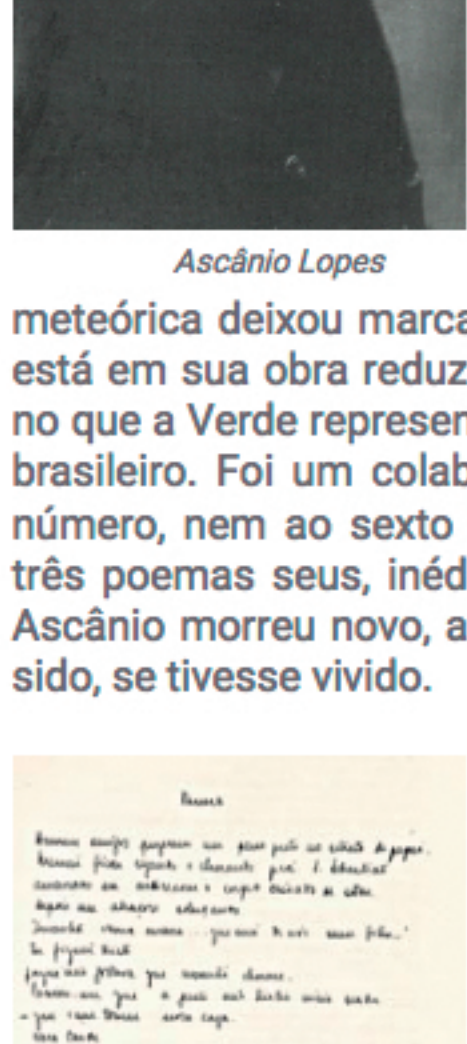


## Ascânio Lopes



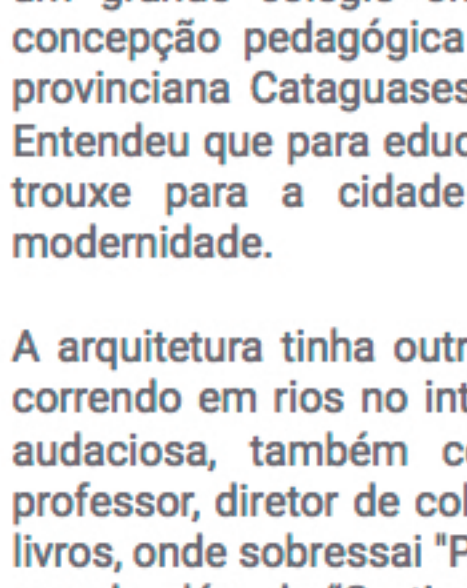
Moscou; inaugurava-se o grande túnel do Simplon e Bérsgon publicava "L'Evolution Créatrice."

A simples enumeração de homens e fatos, de 1906 até 1929, basta para provar que o mundo era um caldeirão fervendo. Era o anúncio doloroso do nascimento de um mundo novo. Neste panorama, Cataguases era uma cidade aberta e atenta às notícias, às modas, ao progresso, vindos, sobretudo, do Rio de Janeiro. Ascânio Lopes nasceu em Ubá e veio para Cataguases em 1906, com cinco meses. Nesse ano o Rio Pomba teve uma das maiores enchentes de sua história.



A Imprensa Oficial do Município foi criada em 1905 e sua inauguração foi em 28 de janeiro de 1906 com a publicação do primeiro número do "Cataguases", órgão dos poderes municipais. No mesmo ano foi inaugurada a Companhia Fiação e Tecelagem, sob a direção do Coronel Joaquim Gomes de Araújo Porto e Major Maurício Eugênio Murgel e organizou-se a primeira exposição agrícola, pastoril e industrial de Cataguases. Dois anos depois, em 1908, a Companhia Fera e Luz inaugurava suas atividades e na mesma época o Teatro Recreio vivia seus dias de glória.

A importância de Ascânio Lopes está em sua presença. De homem e de poeta. Na sua passagem metéorica deixou marcas de si, foi um elemento de contágio. Sua importância está em sua obra reduzidíssima pelo que representa dentro do "grupo verde" e no que a Verde representou de original e significativo no movimento modernista brasileiro. Foi um colaborador permanente da revista, não faltou em nenhum número, nem ao sexto e comemorativo de sua morte, porque nele aparecem três poemas seus, inéditos. Era um dos mais ativos na confecção da revista. Ascânio morreu novo, a meio caminho ou mais longe ainda do que poderia ter sido, se tivesse vivido.



Ascânio Lopes Quatorzevoltas nasceu na noite de 11 de maio de 1906, na casa dos pais, Antônio Lopes Quatorzevoltas e Maria Inês Quatorzevoltas. Aos cinco meses foi trazido para Cataguases, tendo sido criado a partir daí pelos pais adotivos, o tabelião Cornélio Vieira de Freitas e Dulcelina Cruz. Foi um aluno comum, nos tempos do Ginásio do Professor Antônio Amaro, porém com algumas qualidades evidentes: vivacidade, inteligência e sensibilidade. Uma sensibilidade que prenunciava um poeta. Começou a vida acadêmica, como estudante de Direito em Belo Horizonte, aos 19 anos. Morreu em 10 de janeiro de 1929.A vida é uma grande experiência que os homens perpetuam consigo mesmo. Alguns, durante sua existência, riscam o céu com estrelas cadentes. Deixam à vista um traçado luminoso que os outros homens apontam e tomam como bússola. Até aqueles que nunca viram uma estrela cadente, pelas descrições, podem conceber a sua grandiosidade. Apesar da louçania, é efêmero como se demonstrasse que a vida por ser transitória deve ser marcante.

## Francisco Inácio Peixoto

Francisco Inácio Peixoto, Chico Peixoto, foi uma dessas estrelas cadentes que deslizou no espaço. Nasceu quando a cidade, ainda jovem, começava a conjugar o seu rotundo desenvolvimento. Chegou ao mundo em abril de 1909. Pescou nas margens do Pomba e do Meia Pataca à inspiração e almejou ser poeta. E foi! Juntamente com alguns amigos fundou, em 1927 a revista Verde, marco do movimento literário que pretendia redescobrir o Brasil, a sua gente e a sua cultura. O menino cresceu e teve que procurar outros centros para os estudos. Foi, primeiramente, para Belo Horizonte e depois para o Rio de Janeiro, capital da República, onde se formou em Direito. Mas das leis dos homens não quis saber. Retornou advogado, se fez industrial e transformou-se em educador e mecenas. Tinha dentro de si a sentença de Pitágoras: "educal as crianças e não será preciso punir os homens". Esforçou-se por dar outra feição à sua terra . Sem deixar de lado a fábrica de tecidos Irmãos Peixoto, que dirigia juntamente com seus irmãos, iniciou o esboço da "nova cidade". Primeiro era necessário um grande colégio onde pudesse ensinar. Trouxe professores, uma nova concepção pedagógica e até um arquiteto para projetar a escola. Assim a provinciana Cataguases viu surgir o Colégio desenhado por Oscar Niemeyer. Entendeu que para educar não bastava uma sala de aula. Fez cinema, praças e trouxe para a cidade uma mentalidade inovadora. Agora se conjugaava modernidade.

A arquitetura tinha outros traços, não mais retílicos. A arte brotava da terra correndo em rios no interior das montanhas. Chico morava numa casa de fachada audaciosa, também concebida pelo seu amigo arquiteto. Foi industrial, professor, diretor de escola e poeta. Poeta e contista, dos melhores. Publicou livros, onde sobressal "Passaporte Proibido", relatando suas impressões sobre o mundo além da "Cortina de Ferro". "Dona Flor", livro de contos, merece constar nas melhores coleções. Na década de oitenta ainda publicou mais dois: "Erótica Menor" e "Chamada Geral." Em janeiro de 1986 voltou ao céu. Para ele, sem dúvida, Cataguases foi um imenso caso de amor que viveu sem sobressaltos da vaidade, com a humildade dos sonhadores.

O poeta Paulo Mendes Campos escreveu um poema que merecia ser dito por/para Chico Peixoto. "Definição - O tempo não é fonte/Jorrando dois jatos d'água/De uma caranca bifronte/Não é pesado nem leve/Não é alto nem rasteiro/Não é longo nem breve/Nem tão pouco o passado/Suspense entre dois vazios/Como frágil compromisso/O tempo é meu alimento/meu vestídeo, meu espaço/Meu olhar, meu pensamento."

## Enrique de Resende

Enrique de Resende, na verdade, Henrique Vieira de Rezende, nasceu no dia 13 de agosto de 1899, na fazenda do Rochedo, em Cataguases. Era filho do jurista Afonso Henrique Vieira de Rezende e de Josefina Adelina Faria de Rezende. Fez o curso primário na casa dos pais. Estudou no Colégio Anglo-Brasileiro do Rio de Janeiro e depois fez o curso de Matemática em Ouro Preto, vindo a formar-se Engenheiro Civil pela Faculdade de Engenharia de Juiz de Fora, em 1924.

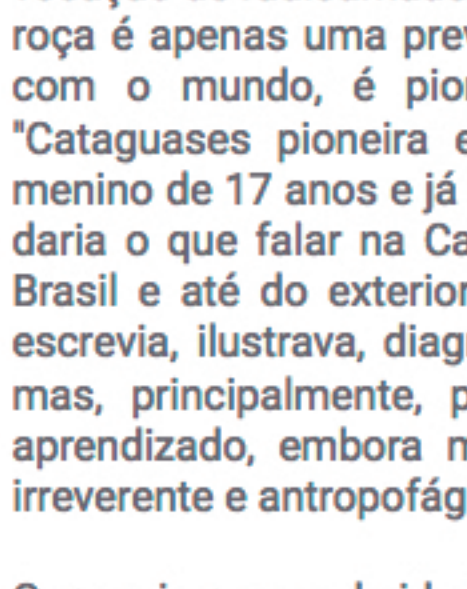
Em seu livro de estréia "Turris Eburnae", de 1923, a poetisa de Enrique de Resende já era moderna. Influenciado por Alphonus de Guilmairens e a escola simbolista, em 1923 começaria uma evolução em sua arte que o levou a criar, com seus amigos Francisco Inácio Peixoto, Rosário Fusco, Ascânio Lopes, Guilhermino César, Antônio Martins Mendes, Oswald Abritta e Fonte Boa, a revista Verde em 1927, o marco do movimento modernista em Cataguases.

Nas palavras do grande poeta Murilo Araújo, "Enrique de Resende, o modernista revolucionário da Verde, aprendeu antes, felizmente, o contraponto verbal em sua iniciação como simbolista. Por análogos razões, os modernos que começaram nessa escola foram os que realizaram a arte mais perfeita e perdurável."

Enrique era o mais velho do "grupo verde." Engenheiro do Departamento de Estradas de Rodagem e com obra publicada e muito bem aceita pela crítica especializada, tornou-se a figura de referência do "grupo verde" - alguns do grupo ainda eram adolescentes – e, por sua experiência, além de um dos maiores colaboradores, foi diretor da revista.

Publicou, entre outras obras, "Poemas Cronológicos", em parceria com Rosário Fusco e Ascânio Lopes, em 1928; "Cofre de Charão", em 1933; "Retrato de Alphonus de Guilmairens", seu trabalho mais discutido e apreciado pela crítica, em 1938; "Rosa dos Ventos", em 1957; "A Derradeira Colheita", em 1964; "Pequena História Sentimental de Cataguases", em 1969 e "Estórias e Memórias", em 1971.

O falecimento de Enrique de Resende, ocorrido em 16 de setembro de 1973, causou profunda consternação em Cataguases e fora dele, inclusive entre seus companheiros da Academia Mineira de Letras, para a qual foi eleito em 1966.



Inácio Peixoto, Ascânio Lopes e Enrique de Resende, todos apelidados "ases de Cataguases", quando propunham a criação de uma autêntica poesia brasileira. Este se al à sua rica bibliografia, com destaque para a obra "Meia Pataca", em 1928. Com a dispersão do grupo, Guilhermino fixou-se no Rio Grande do Sul, onde deflagrou seu fértil processo criativo, inaugurando uma nova fase de rastreamento da cultura riograndense.

Em Porto Alegre escreveu "Sul, História da Literatura do Rio Grande do Sul", "O Romance Brasileiro Contemporâneo", "Sistema do Imperfeito", "Outros Poemas" e inúmeras outras obras cujo acervo compõe uma das mais coerentes, rigorosas e dedicadas vidas à literatura. Nos últimos anos de sua vida, já debilitado pela cegueira, Guilhermino não perdeu sua veemência intelectual. Ao contrário, embrenhava-se com a mesma bravura pelo universo literário. Foi lidando com as limitações físicas que chegou a elaborar um último livro intitulado "Cantos do Canto Chorado", onde reuniu num volume trabalhos inéditos e edições esgotadas.

Apesar de sua brilhantismo e de sua poesia esmerada, sua obra permanece ainda longe dos olhos do grande público, talvez por desinteresse das elites editoriais que pensam na literatura mais como um mercado ou porque este poeta, gaúcho e de Cataguases, ou mineiro de Porto Alegre, tenha escapado do eixo Rio-São Paulo, longe da mídia e dos holofotes da crítica especializada.



Rosário Fusco de Souza Guerra, Escritor e Advogado, nasceu em São Geraldo, em 19/7/1910 e faleceu em Cataguases, em 17/8/1977

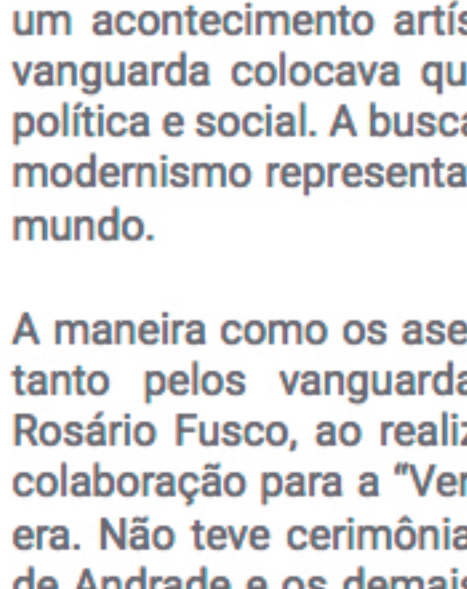
"Lá se foi o velho Rosário Fusco", escrevia o cronista José Carlos Oliveira no Jornal do Brasil de 21 de agosto de 1977, quatro dias após a morte do romancista em Cataguases: "um gigante voraz, andarilho infatigável que viveu (vivenciou, se preferirmos) a aventura antropológica proposta pelos modernistas. Cosmopolita, para onde quer que fosse levava um coração provinciano. Teria que terminar em Cataguases, misteriosa cidade com vocação de radioamador, dentro das casas, nos bares, na praça, na modorra da roça é apenas uma prevenção; na verdade, Cataguases está em febril contato com o mundo, é pioneira em cinema, em literatura, em arquitetura".

A "Cataguases pioneira em literatura"deve muito a Rosário Fusco, ainda que um menino de 15 anos e já fazendo com outros rapazes da cidade uma revista que daria o que falar na Capital de Minas, na de São Paulo, em várias outras do Brasil e até do exterior. Fusco foi o motor da revista Verde, um vulcão que escrevia, ilustrava, diagramava, mandava (e recebia) cartas para todo mundo mas, principalmente, para o modernista Mário de Andrade, descoberta e aprendizado, embora mais tarde fizesse mais o perfil do outro Andrade, o irreverente e antropológico Oswald.

Com seis meses de idade e órfão de pai, Rosário Fusco de Souza Guerra, chega a Cataguases com a mãe, Auta, lavadeira. Estuda na Escola Maternal Nossa Senhora do Carmo, conclui o primário no Coronel Vieira e faz o secundário no Ginásio Municipal. Duro início de vida: aprendiz de laticeiro, servente de pedreiro, pintor de tabuletas, prático de farmácia, Professor de Desenho e bedel no Ginásio. Aos 15 anos, já colaborava no "Mercúrio", jornal dirigido por Guilhermino César, futuro companheiro na Verde e logo, em dois outros jornalmazinhos, "Boina" e "Jazz Band". Com José Spíndola Santos, edita "Itinerário" e juntos fundam a livraria-editora "Spíndola e Fusco."

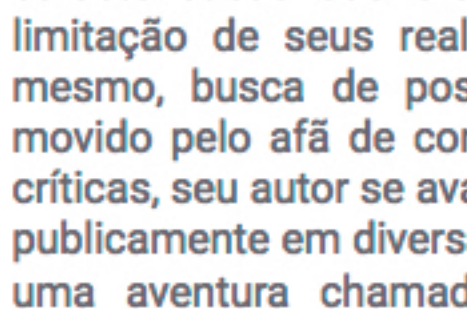
Aos 17 anos, é um dos criadores da Verde Editora e, aos 18, publica "Poemas Cronológicos", parceria com Enrique de Resende e Ascão Lopes, em 1928. Em 1932, muda-se para o Rio de Janeiro, onde forma-se em Direito em 1937. Romancista, funcionário federal, Dramaturgo, Poeta, Jornalista, Publicitário, Radialista, Crítico Literário, Ensaista, Secretário da Universidade do Distrito Federal e Procurador do Estado do Rio de Janeiro. Muitos cargos para um homem só, mesmo um mulato enorme e da melhor qualidade como Rosário Fusco. Melhor dizer, simplesmente, profissão: Escritor. Mesmo porque ele foi o primeiro escritor brasileiro a ser reconhecido como tal pelo antigo INPS. Em fins dos anos 60, ele volta a Cataguases, onde vive e morre em 1977. Publicou vários livros: em 28, "Fruta de Conde", (poesia); em 1943, "O Agressor", (reditado depois, em 68, na Itália pela Editora Mandadori e no Brasil em 76, pela Francisco Alves); em 1940, "Amiel", (ensaio) e "O Livro do João", (romance); em 44, "Anel de Saturno e "O Viúvo", em 1949, "Carta à Noiva", (farsa); em 54, "Introdução à Experiência Estética", (ensaio); em 49, "Auto da Noiva", (farsa) e, em 61, "Dia do Juízo", (romances).

Deixou dezenas de correspondências com expoentes da literatura brasileira, especialmente Mário de Andrade, dezenas de "diários", dois romances e um livro de poesia erótica e de viagens.



Uma Foto Rara: Humberto Mauro (de paletó cinza, durante na escada) Recebe os Jovens da "Verde" Debutando a Filmagem de "Sangue Mineiro"

## A Descoberta de Cataguases



Os escritores modernos respondem com ironia ao mundo, percebido em sua fragmentação. A unidade, a autonomia da forma, a concentração e a completeza, características do impulso modernista, tornaram imprecisas as distinções entre linguagem poética e linguagem cotidiana. A contradição peculiar entre a dissolução da forma e o tradicionalismo do conteúdo é aguda na literatura. O movimento modernista fez a representação teatral de um complexo siléscio, cujos significados incluem recusa e subversão e, adquire em Cataguases dimensão exemplar.

*"Homens são móveis antigos e neuroses recentes" - Hugo Von Hoffmannsthal,1893*

O ano de 1927 ficou na história de Cataguases porque a vanguarda literária do Brasil olhou para cidade, tratando sua presença obrigatória como condição sob o modernismo brasileiro. Rosário Fusco, Enrique de Resende,Francisco Inácio Peixoto, Guilhermino César e Ascânio Lopes inventaram e lideraram o movimento que ofereceu ao país a revista "Verde", uma publicação modernista nascido no interior de Minas.

O pioneirismo do cinema de Humberto Mauro já fizera Cataguases figurar em publicações nacionais como a revista "Cinearte". Os ases, assim chamados por Oswald e Mário de Andrade, também haviam circulado nacionalmente, pois Álvaro Moreira publicara seus poemas na revista "ParaTodos." Mas "Verde" veio repositonar Cataguases no cenário da arte nacional. Pela primeira vez, uma publicação do interior era palco do debate das vanguardas literárias.

Já se passaram mais de sessenta e cinco anos desde o acontecimento "verde." As crônicas, ensaios e capítulos dedicados à revista guardam o tom do furor e, ao mesmo tempo, de condescendência semelhante ao que se percebeia nos modernistas das capitais culturais do país. A perplexidade diante desta revista realizada por jovens do interior continua décadas após o fim da "Verde."

Para se entender o "verde" como resultado dos objetivos de um grupo e não um evento episódico ou acontecimento pitoresco por sua jovialidade e origem, é preciso descobrir sobre a trajetória dos futuros integrantes da revista. Quando seu processo de maturação é colocado, a revista adquire a feição de fruto de um trabalho persistente. A conquista do Brasil e dos mestres do modernismo brasileiro - em 1927 Mário de Andrade já havia publicado "A Paulicéia Desvairada" e, Oswald "Memórias Sentimentais de João Miramar" - passa a ser lida na perspectiva de Cataguases, ganhando a aceção de um trabalho local.

"Verde" foi ainda importante para a solidificação do movimento modernista em termos nacionais: representou a conquista do interior brasileiro e o rejuvenescimento do modernismo. O movimento modernista, como um todo, foi um acontecimento artístico cosmopolita e poliglota. Um momento em que a vanguarda colocava questões tanto em termos estéticos, quanto de postura política e social. A busca e a substituição do novo eram as palavras de ordem. O modernismo representava o escândalo, a novidade e a pluralidade de visões de mundo.

A maneira como os ases se colocaram os aproximou das ações desenvolvidas tanto pelos vanguardas europeias quanto pelos modernistas brasileiros. Rosário Fusco, ao realizar os primeiros contatos em São Paulo visando pedir colaboração para a "Verde", agiu como um adolescente de dezessete anos que era. Não teve cerimônias, usou de provação e espontaneidade. Tratando Mário de Andrade e seus demais poetas de São Paulo por "seus bostas". A irreverência cabia no modernismo, sendo apreciada por seus signatários brasileiros. Assim, a primeira acolhida da "Verde" também é fruto da empatia provocada pela carta, pois Fusco teve senso de oportunidade ao enviar a carta desabusada para a pessoa certa.

Outra marca da espontaneidade e sentido de descoberta dos poetas "verdes" está nos artigos da revista. Observando-se uma procura intencional de definições estéticas e textos ricos de impressões, sem apelação crítica. Esta características das crônicas dos "ases" podem ser apreciadas como uma limitação de seus realizadores, mas também como uma falta e, por isso mesmo, busca de posicionamento intelectual, como um exercício literário movido pelo afã de conhecimento. Quando algum trabalho publicado recebia críticas, seu autor se avaliava e ouvia os comentários de terceiros, retratando-se publicamente em diversas ocasiões. Em suma, os "ases" haviam se lançado em uma aventura chamada "verde" e procuravam o modernismo como uma possibilidade de descobertas e de experimentação. A literatura sem regras ou posturas previamente definidas. Viam com os olhos livres representando de maneira espontânea as propostas amadurecidas do modernismo.

As relações do grupo com a cidade revelam a importância estratégica de Cataguases para a constituição da "Verde" pois a partir de seu surgimento e aceitação pelos modernistas de São Paulo, acirra-se o confronto entre os "ases" e a cidade. Assim, paradoxalmente, a fixação os auxiliava e limitava na empreitada modernista.

A procura de novidades literárias pelos jovens da revista "Verde", houveram duas fontes principais de fomento e satisfação: o Grêmio Literário Machado de Assis e João Luís Almeida. O Grêmio Literário era uma espécie de associação de estudantes, responsável pela realização de diversos eventos no Ginásio de Cataguases, dentre os quais destacam-se os encontros dominicais. Estes contavam com a presença maciça do corpo docente e discente, pois se tratava de uma atividade extra-escolar obrigatória. Os alunos que se recusassem a participar eram obrigados a estudar no "reposou". Diante da opção oferecida pela escola, as reuniões contavam com altíssima quorum. O compromisso com o Grêmio, fundado pela imposição da diretoria e oficializado pela presença dos professores, foi sendo assumido pelos alunos com o passar do tempo. Todos os assuntos de seu interesse eram colocados em debate. Recorres do jornais e livros se constituíam em matéria de discussão nestes encontros denominados por Guilhermino César de "caldeirão literário". Desenvolvia-se no Grêmio o interesse pela literatura, que inflamava os jovens, levando-os a adotar posturas apaixonadas. Um fato ilustrativo do ambiente vivido no Grêmio foi uma briga resultante das discussões literárias: Camilo Soares, um dos futuros "verdes", discordava sobre a validade do abandono do parnasianismo, não aceitando as novidades defendidas por Guilhermino César e Francisco Inácio Peixoto. No intuito de provocar os colegas, Camilo Soares levou para a escola um texto de Raul Machado de Oliveira, "Agonião Verso", no qual o autor sentenciava a morte da poesia caso os poetas insistissem no abandono da metáfrica clássica. A provocação surtiu efeito e Francisco Inácio Peixoto discutiu com Guilhermino César a ponto de cortar relações. Guilhermino lembra que, por ocasião da briga, chegou a se falar em barganela. Dois anos depois, todos assinaram o "Manifesto do Grupo Verde de Cataguases, publicado como anexo no terceiro número da revista."

Outra fonte propulsora e de abastecimento da curiosidade dos "ases" foi João Luís Almeida, lembrado por Rosário Fusco, Franciscão Inácio Peixoto, Enrique de Resende e Guilhermino César como o bibliotecário ambulante e o caixeiro viajante do modernismo cataguasense.

Cerca de três anos mais velho que os rapazes do ginásio, João Luís estudava Direito, no Rio de Janeiro. Filho de um rico fazendeiro de café e veradeiro, ele se dispunha a buscar regularmente no Rio, encenando de feitas pelos amigos. Livros como "A Paulicéia Desvairada", de Mário de Andrade e "Casa do Cato Cinzento", de Ribeiro Couto, foram lidos por ocasião de seu lançamento, levados a Cataguases pelo caixeiro viajante João Luís. Segundo Guilhermino, "os poderes do livro" rompiam com o "isolamento geográfico" de Cataguases.

Nesta ocasião, Rosário Fusco ainda não cursava o ginásio mas convivia regularmente com alguns estudantes. Fusco é citado por seus companheiros de revista como o principal responsável pela existência da "Verde." Apesar de não ser aluno do Ginásio de Cataguases, ele soube insultar e ferir os jovens em torno da ideia de se realizar a revista. Muleto, filho de uma lavadeira, teve as portas das famílias tradicionais abertas (Peixoto, Vieira Resende, Tostes, etc.) devido ao seu "magnetismo de menino prodígio". Levando vidros nas farmácias do Tostes e do César, ajudava no sustento da casa e c/nciêcia Guilhermino. Acompanhando sua mãe na lavagem de roupa, frequentava a casa de Francisco Inácio Peixoto. Interessado em discutir sua poesia, Fusco procurou Enrique de Resende, intelectual das letras e trazendo na bagagem seu livro "Turris Eburnae", publicado em 1923 pela Editora Monteiro Lobato e o companiade local, Enrique era um cataguasense e termos literários, pois costumava redigir crônicas para o jornal "O Cataguases" e participar, como orador, de festividades promovidas pela oficialidade local. Ir ao seu encontro implicava a quebra de tabus e medos, significava criar uma relação pessoal com alguém de posição e de notório saber. O contato com Enrique representou uma conquista literária que abria novas fontes de informação, tratadas pelos jovens como descobertas.

Fusco dirigiu-se à residência de Enrique, colocando sob sua porta um poema e uma carta, na qual pedia opinião sobre seus versos. Enrique surpreendeu-se com a situação, chegou a pensar que se tratava de alguma brincadeira. Saiu à procura do autor da carta, encontrando Fusco a pintar cartazes publicitários da cinema. A partir de então, passou a ter a sua casa constantemente acessiada pelos maiores rapazes do grupo. Uma carta de Enrique de Resende à Francisco Inácio Peixoto nos dá uma ideia do que Enrique representou naquele momento para os jovens da "Verde":

"Recebi. Vocô ao que vejo pensou/que eu fosse um medalhão. Fosse um sujeito que pelo fato de haver/ publicado um livro passadista. Com epígrafe latim, assua firme "albertoliveriano" em face de um novo representante da modernidade. Mas engane-se, redondamente. Ora bolas. Que moço também eu sou. Fiquem sabendo que comigo não tem esse negócio de embromação não. Tá bom, tá bom. Tá ruim, tá ruim. E ninguém tem nada com isso".

Realizou-se, ali, a primeira relação artística dos "ases" com um profissional das letras e Enrique soube ouvir e acolher, para também ser acolhido. O encontro com este poeta de vinte e oito anos foi decisivo para a constituição do grupo "Verde." As investidas isoladas, no sentido de se realizar uma publicação, agora eram objetivamente comuns e isso dava aos rapazes do Ginásio, a Fusco e a Enrique uma objetivomia de grupo.

Todos os integrantes da "Verde" já haviam redigido poemas ou crônicas no jornal de Cataguases. Guilhermino editou "O Mercúrio", periódico da Associação Comercial e publicou artigos para "O Estudante", jornal do Ginásio. Rosário Fusco juntamente com o "João Luís dos livros" lançou "Jazz Band", tablóide que teve única edição e se auto-denominava "quinzenário moderno e mundano". Agora faltava uma publicação conjunta para unir o esforço modernista local.

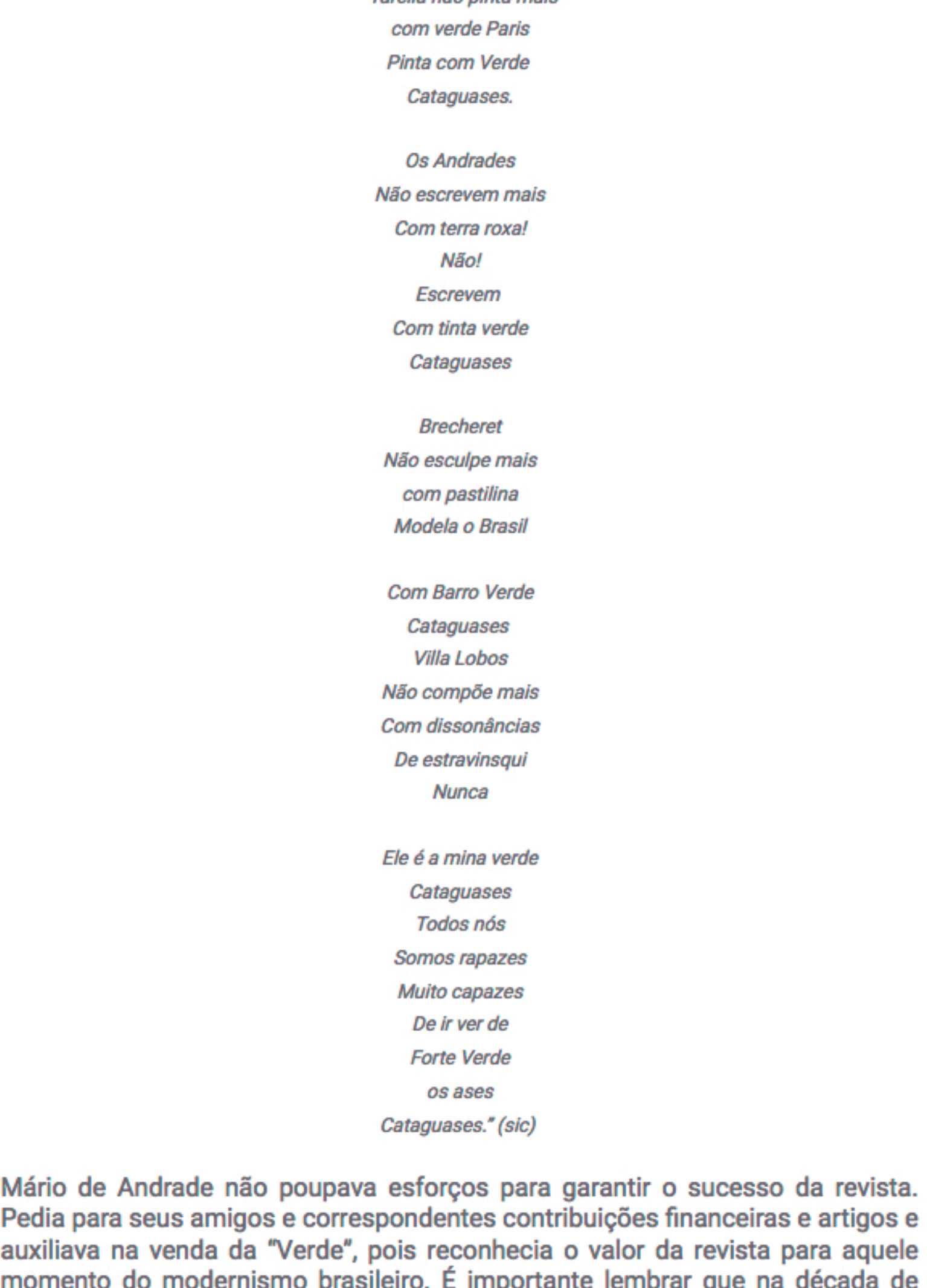
A revista "Verde", com detalhes verdes na capa, saiu em setembro. Seu primeiro número foi exclusivamente mineiro contando por exemplo com a colaboração de Carlos Drumond de Andrade, Emílio Moura e Martins Mendes. Problemas de ordem financeira dificultaram a manutenção da periodicidade mensal da revista. O quinto número da primeira fase da "Verde", só foi lançado em maio, motivando uma brincadeira dos "ases." Eles transformaram os detalhes verdes em vermelho alegando que a demora no lançamento da revista ocasionou seu amadurecimento. Na segunda fase foi lançado apenas um número em homenagem à Ascânio Lopes, morto prematuramente.

As cartas enviadas a São Paulo, Rio de Janeiro, ao norte e sul do país começavam a dar retorno. Cartas,cantos,crônicas, poesias e livros chegavam a Cataguases, indicando o sucesso da "Verde." Os "ases" não dissimulavam seu furor, trocavam cartas entusiasmadas comemorando os resultados alcançados. Não imaginaram a repercussão da "Verde" e nem contavam figurar lado a lado com seus mestres: haviam conquistado o Brasil depressa demais!

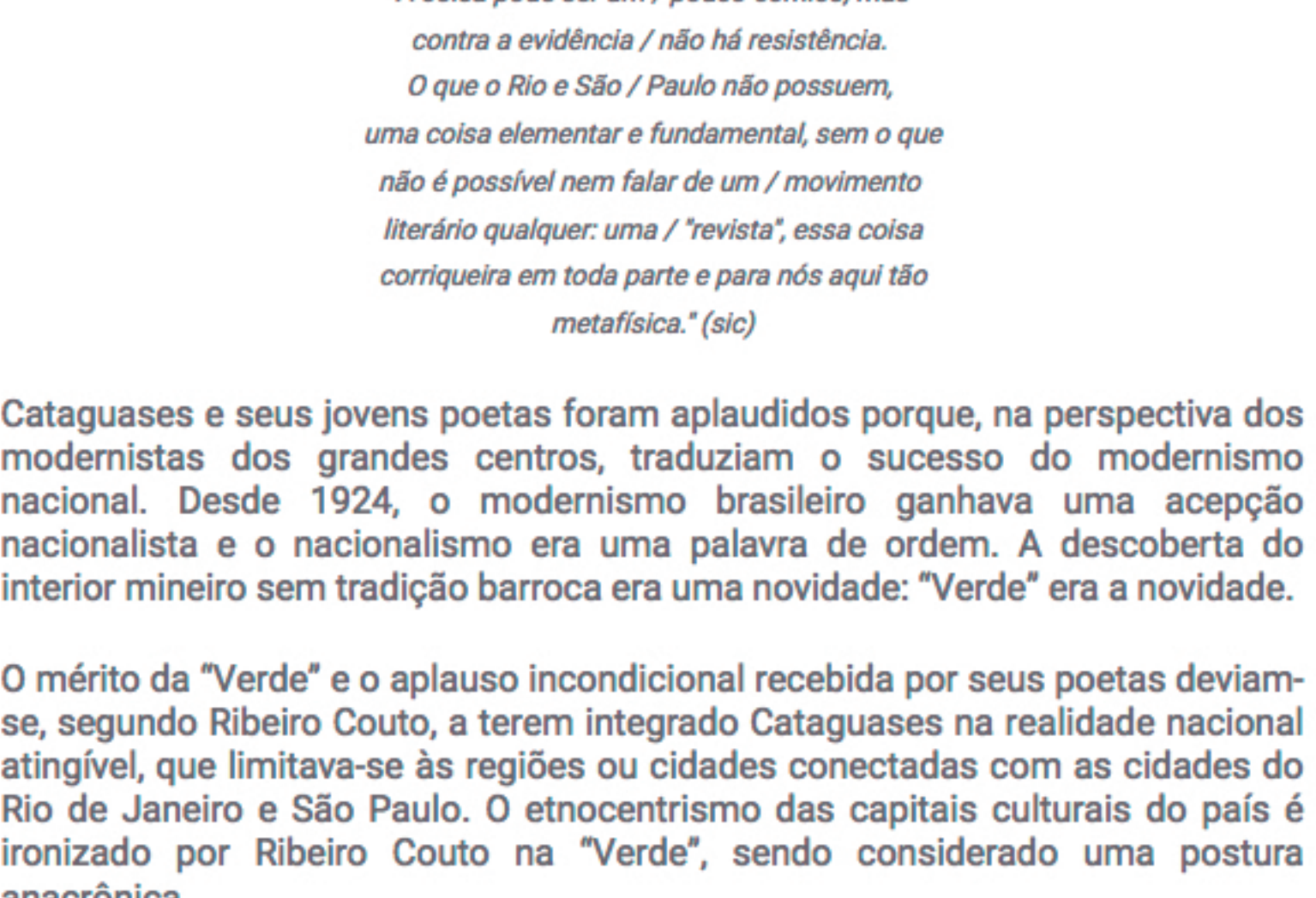
"Fiquei groguí(sic) quando soube que/ vocês aí já mantêm correspondência/ com o Mário, o Alcântara, o Milliet,/etc. Mas rapaz! Que furor! Que furor! É o caso de se babar.

O grupo de Cataguases mantinha aceso ao entusiasmo juvenil. Através de seus textos presentes na revista, impressões parciais repletas de adjetivos e jargões de valor, percebe-se a imaturidade dos "ases." Mas essa imaturidade literária permitiu a "Verde" abrigar todo e qualquer representante do modernismo.

Polêmicas e busca de definições encontravam terreno na revista, que, indiscriminadamente, acolhia Mário de Andrade, Ribeiro Couto e Godofredo Rangel. Como disse Mário:



Transformou-se em um fórum de debates e conquistou poetas encastelados em posições definitivas sobre o destino e objetivos do modernismo. Nas páginas da "Verde" escritores de todo o país pensaram o modernismo,e retribuíram a acolhida dedicando poemas aos "ases", como "homagem aos homens que agem", escrito a quatro mãos por Mário e Oswald de Andrade:

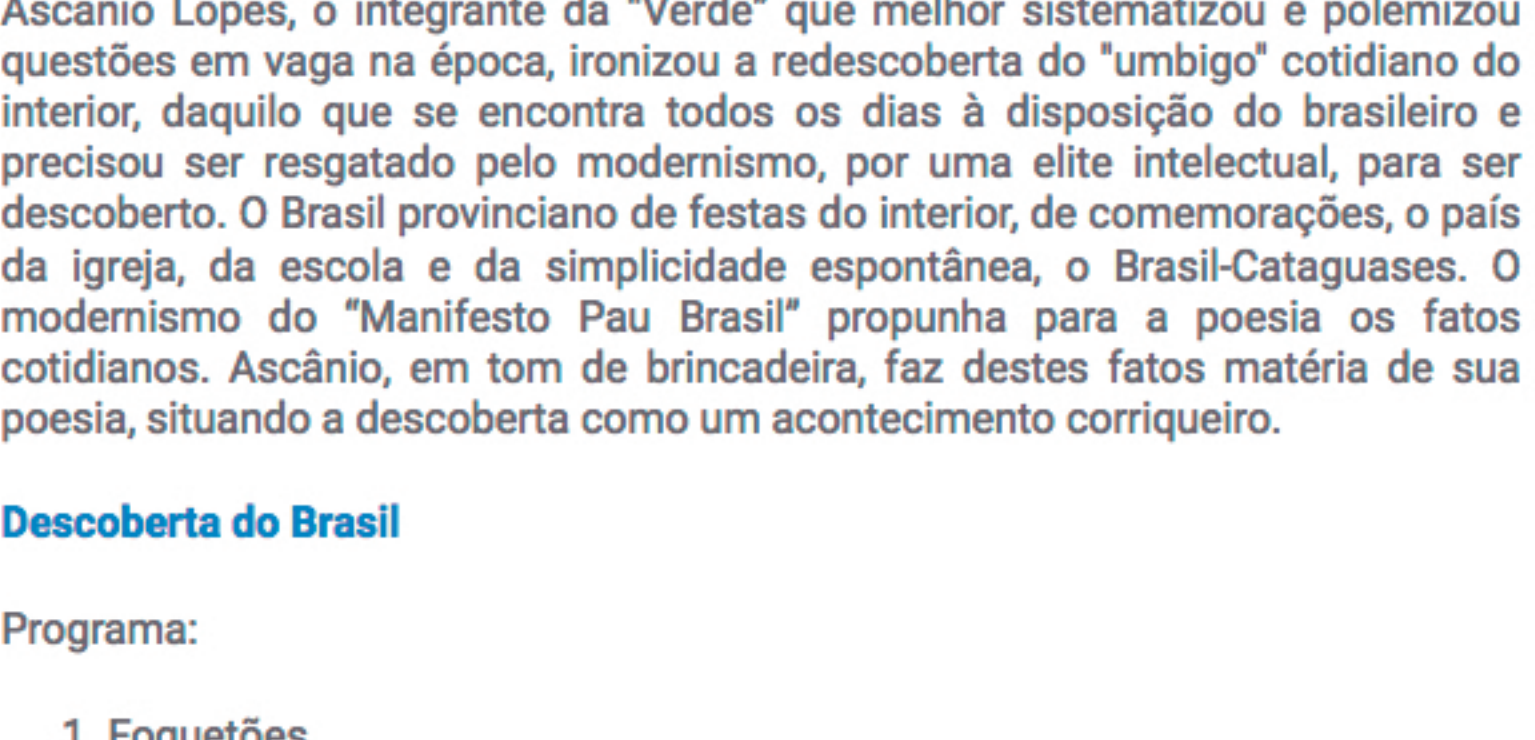


Mário de Andrade não poupava esforços para garantir o sucesso da revista. Pedia para seus amigos e correspondentes contribuições financeiras e artigos e auxiliava na venda da "Verde", pois reconhecia o valor da revista para aquele momento do modernismo brasileiro. É importante lembrar que na década de vinte as revistas literárias uniam os modernistas de todo país. A precariedade dos meios de transporte e comunicação fez destas publicações meios de difusão e divulgação de livros e idéias. O modernismo se pensava nas revistas.

"Minas agora voltou ao modernismo. E voltou com uma revista de.../ Cataguases. A coisa pode ser um / pouco cômico, mas conta a evidência / não há resistência. O que o Rio e São / Paulo não possuem, uma coisa elementar e fundamental, sem o que não é possível nem falar de um / movimento literário qualquer: uma / revista", essa coisa corriqueira em toda parte e para nós aqui tão metafísica." (sic)

Cataguases e seus jovens poetas foram aplaudidos porque, na perspectiva dos modernistas dos grandes centros, traduziam o sucesso do modernismo nacional. Desde 1924, o modernismo brasileiro ganhava uma aceção nacionalista e o nacionalismo era uma palavra de ordem. A descoberta do interior mineiro sem tradição barroca era uma novidade: "Verde" era a novidade.

O mérito da "Verde" e o aplauso incondicional recebida por seus poetas deviam-se, segundo Ribeiro Couto, a terem integrado Cataguases na realidade nacional atingível, que limitava-se às regiões ou cidades conectadas com as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. O etnocentrismo das capitais culturais do país é ironizado por Ribeiro Couto na "Verde", sendo considerado uma postura anacrônica.



Cataguases representou o alcance nacional do movimento modernista, um indicio da descentralização da produção e significo a vitória dos objetivos do modernismo. Os modernistas fizeram "Verde" triunfar, já que ironicamente a vitória da revista dependia de seu alcance e da conquista da "realidade nacional atingível". "Verde" era um fenômeno nacional. Os rapazes da "Verde" conquistaram o Brasil para os modernistas, devolvendo através da ação e intuição os frutos da reflexão dos centros da produção intelectual do Brasil.

“É que realizamos essa conquista magnífica da descentralização intelectual, hoje em contraste aberrante com outras manifestações sociais do país. Hoje a corte, o fulgor das duas cidades brasileiras de mais de um milhão não tem nenhum sentido intelectual que não seja meramente estatístico. Pelo menos quanto a literatura, única das artes que já alcançou estabilidade normal no país. O movimento modernista, pondo em relevo e sistematizando uma "cultura" nacional, exigiu da inteligência estar a par do que se passava nas numerosas Cataguases."

Ascânio Lopes, o integrante da "Verde" que melhor sistematizou e polemizou questões em vaga na época, ironizou a redescoberta do "umbigo" cotidiano do interior, daquilo que se encontra todos os dias à disposição do brasileiro e precisou ser resgatado pelo modernismo, por uma elite intelectual, para ser descoberto. O Brasil provinciano de festas do interior, de comemorações, o país da igreja, da escola e da simplicidade espontânea, o Brasil-Cataguases. O modernismo do "Manifesto Pau Brasil" propunha para a poesia os fatos cotidianos. Ascânio, em tom de brincadeira, faz destes fatos matéria de sua poesia, situando a descoberta como um acontecimento corriqueiro.

## Descoberta do Brasil

Programa:

- Foguetões
- Alvorada pela "Banda Música", 3 de maio
- Missa com sermão obrigatório e leilão no final para as obras da igreja
- Passeta do batalhão escolar e sessão cívica no grupo local
- À noite, na sede do Grêmio Literário Cultores das Letras, o Sr. Pacifico Montes discorrerá eruditamente sobre o acaso da descoberta
- Fogos de artifício

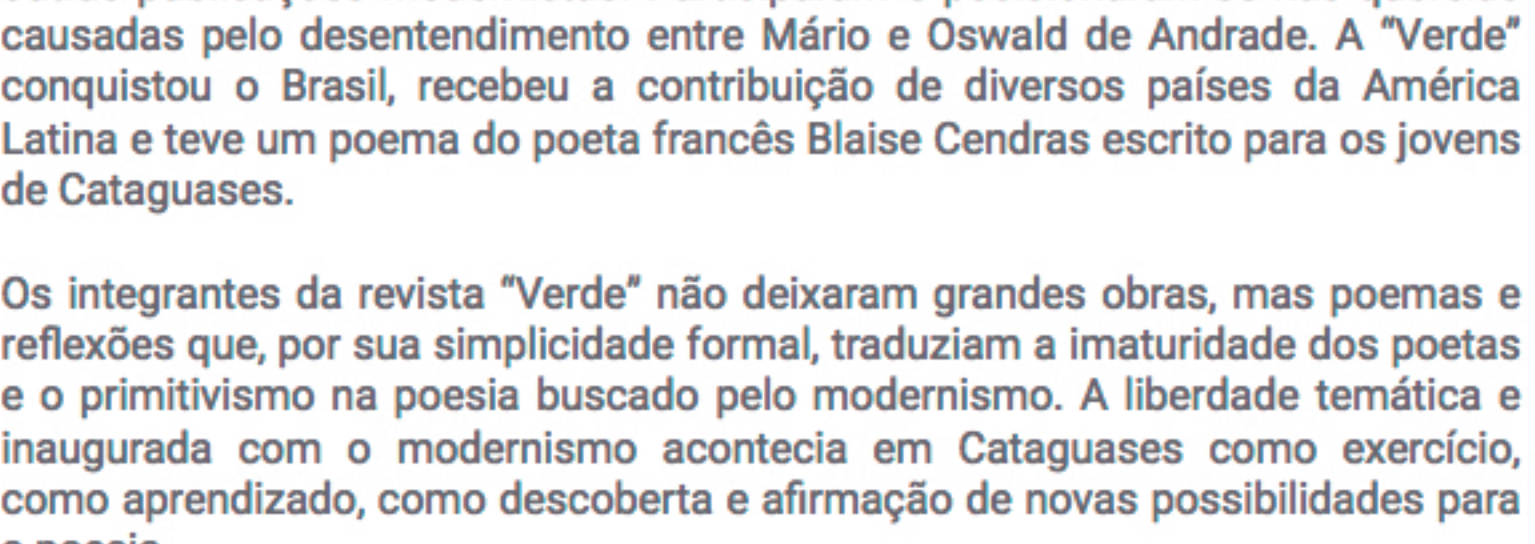
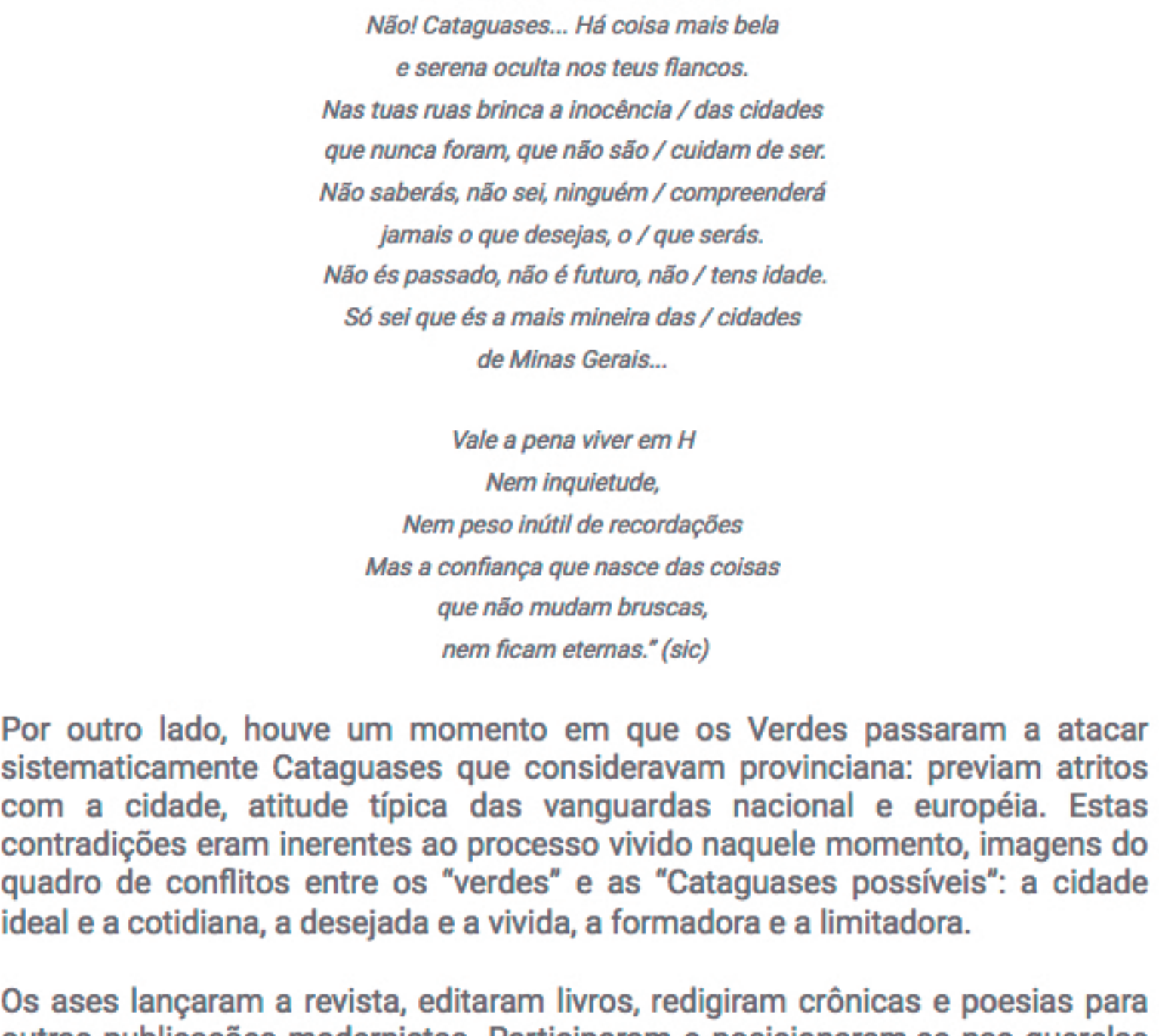
Nota: Haverá foguetes de lágrimas

Se para os modernistas de São Paulo era clara a função e o papel de Cataguases para o modernismo, o mesmo não se dava com os "Verdes." A tensão cordial marcava o encontro dos jovens com a cidade sinalizando, num primeiro momento, a necessidade do grupo de se expandir e experimentar nacionalmente o sentimento moderno que se desenvolvia em Cataguases. Filhos bem nascidos da cidade contavam com o apoio do jornal "O Cataguases." Mas esse apoio não era incondicional, o jornal cobrava uma participação efetiva no cotidiano de Cataguases.

Percebia que o grupo era diferente da comunidade: os "ases" evitavam dividir seus segredos literários:

"(...) Os modernistas daqui, graças a / Deus estão isentos destes maus / companheiros. Uma causa ainda não / compreendi. Porque ainda não se / voltaram para o público. Andam dentro / de casa e só de vez em quando dão / uma espiada pela janela." (sic)

Ao negar o cotidiano cataguasense, criavam um espaço de relação único e diferenciado. Buscavam, assim, esboçar um projeto que os aproximasse de seu alvo: o modernismo e os modernistas. Mas, ao se lançarem na revista, eles sentiam medo e força: a origem literária era o que tinham de peculiar e era isso que os fazia notórios em todo país. Voltaram-se então para Cataguases como o lugar da existência do grupo. Cataguases era redescoberta enquanto possibilidade de existência modernista.



Por outro lado, houve um momento em que os Verdes passaram a atacar sistematicamente Cataguases que consideravam provinciana: previam ataques com a cidade, atitude típica das vanguardas nacional e europeia. Estas contradições eram inerentes ao processo vivido naquele momento, imagens do ideal de conflitos entre os "verdes" e as "Cataguases possíveis": a cidade ideal e a cotidiana, a desejada e a vivida, a formadora e a limitadora.

Os ases lançaram a revista, editaram livros, redigiram crônicas e poesias para outras publicações modernistas. Participaram e posicionaram-se nas querelas causadas pelo desentendimento entre Mário e Oswald de Andrade. A "Verde" conquistou o Brasil, recebeu a contribuição de diversos poetas da América Latina e teve um poema do poeta brasileiro Blaise Cendrars escrito para os jovens de Cataguases.

Os integrantes da revista "Verde" não deixaram grandes obras, mas poemas e reflexões que, por sua simplicidade formal, traduziam a imaturidade dos poetas e o primitivismo na poesia buscado pelo modernismo. A liberdade temática e inaugurada com o modernismo acontecia em Cataguases como exercício, como aprendizado, como descoberta e afirmação de novas possibilidades para a poesia.

## Rio de Janeiro

"Os meus vestes um menino que sentiu um vestido novo."

## Juiz de Fora

"Mancheater das Minas Gerais O crepúsculo escorrega violentamente e cai / na paisagem de caráter postal e nos olhos encantados do Cristo-do-Morro."

## Ubá

"Si você visse os olhos dela Tão bonitos brilhando Voce tinha coragem Fermo Dias Paes Leme De mandê-lo examinar Pelo outires d'E Rei D. Afonso, tinha Fermo Dias? Tinha não..."

A permeabilidade dos integrantes da "Verde" e as informações vindas de fora marcaram ans a vida e os membros do grupo. Em diversas cartas discutem o papel da revista, a importância de Mário de Andrade ou a possibilidade de relacionamento da "Verde."

Rosário Fusco, a própria encarnação da procura, pesquisa a jovialidade da revista de Cataguases e recebeu de modo mais decisivo as influências externas, principalmente as de Mário de Andrade. Fusco recebia lições, ouvia lamentações e auxiliava Mário de Andrade na pesquisa de marchinhas e abalos mineiros para seu livro sobre música folclórica. Para Rosário Fusco, Mário, no Rio de Janeiro, Ascânio Lopes e Guilhermino César, em Belo Horizonte, Fusco permanecia em Cataguases mantendo intensa correspondência com Mário. Aos poucos, Fusco foi perdendo sua virgindade literária ao ouvir os conselhos de Mário e ao discutir poesia com o professor paulista. Fusco tornava-se vulnerável ao poeta: um ano após "Verde" haver terminado ele pedia uma receita a Mário para reconquistar sua autonomia literária. Como um mestre, Mário ofereceu a Fusco uma lição sobre o que é dependência e influência, ilustrando a importância de referenciais na edificação da obra dos indivíduos. Para Fusco, Mário representou uma descoberta que abriu passagem para novos aprendizados, um farol verde sinalizando a permissão, a possibilidade da passagem:

"Você me pede uma receita para se / libertar de mim, receite nesses casos / não há, creio. Depois "se libertar" pode / ter conceito vário. Certas tendências / gerais é possível aceitar, usar sem que / haja influência. Há aceitação de princípios, nada mais. Se os outros chamaram isso de influência, a besteira é tão desumana, tão individualista, que não pôde interessar a indivíduo / socializado. Assim panbaisleirismo / de psicologia, tectônica, d'oculção, / vocabulário que em nossa literatura ficou determinado com uma tendência / minha, porque fui eu e sou o sistematizador mais acalento do disso / é uma tendência geral que se aceita ou / não. Aceitar com reflexão, pois consciência não é ser influenciado, e se / a malvezed age até nisso, a gente como / ser humano, ser socializado creio que / não deve se amolar com a malvezed e deve estar em uma dela." (sic)

Nessa carta, Mário protege e consola Fusco e defend